

# Eugenio Montale – Os limões

Escuta-me, os poetas laureados  
movem-se tão somente entre as plantas  
de nomes pouco usados: buxos ligustros e acantos.  
Eu, por mim, gosto de caminhos que levam às agrestes  
valas aonde em poças  
já meio secas rapazes apanham  
alguma enguia miúda:  
as veredas que seguem junto às bordas,  
descem por entre os tufos de canas  
e chegam até os hortos, no meio dos limoeiros.

É melhor quando a algazarra dos pássaros  
se dilui e é tragada pelo azul:  
mais claro se há de escutar o sussurro  
de ramos amigos no ar que não se move quase,  
e as sensações desse cheiro  
que não se aparta da terra  
e uma doçura inquieta chove no peito.  
Aqui das distraídas paixões  
por um milagre cala-se a guerra,  
aqui até a nós pobres cabe nossa parte de riqueza  
e é o aroma dos limões.

Vês, é nesses silêncios em que as coisas  
se abandonam e como que estão prestes  
a trair o seu último segredo,  
que por vezes se espera  
descobrir um engano da Natureza,  
o ponto morto do mundo, o elo que não resiste,  
a mecha a deslindar que enfim nos ponha  
no âmago de uma verdade.  
O olhar revista em torno,  
a mente indaga reúne separa  
no perfume que alastra  
quando mais languet o dia.

São os silêncios em que se avista  
em toda sombra humana que se afasta  
alguma importunada Divindade.

Mas a ilusão falha e o tempo nos reporta  
às ruidosas cidades onde o azul se mostra  
só aos pedaços, no alto, entre as cimalhas.  
A chuva cansa a terra, depois; cerra-se  
o tédio do inverno sobre as casas,  
a luz se torna avara – a alma amarga.  
Quando um dia um portão entreaberto  
em meio às árvores de um pátio  
nos mostra os amarelos dos limões;  
e o gelo do coração se desfaz,  
e brotam em nosso peito  
as canções que ressoam  
dos seus clarins de ouro solar.

**Eugenio Montale, Ossos de Sépia 1920-1927**